



# SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

## 10/07/2023



Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

### Trabalhadores que deixam mercado são pobres, jovens e de baixa qualificação

"Não valia mais a pena", explica a cuidadora de idosos Janice Souza, 32, moradora de Vitória da Conquista (BA). Demitida durante a pandemia, após trabalhar por dez anos para a mesma família, ela se viu de repente sem a renda da qual dependia um filho.

"A patroa não queria ninguém de fora, para não levar o vírus para dentro de casa. Quando a pandemia passou, ela disse que não precisava mais de mim. Até fui indicada para outros serviços, mas todos pagavam pouco e eram longe de casa, gastava quase tudo com transporte e com alguém para cuidar do meu filho. Resolvi esperar até as ofertas melhorarem."

Os trabalhadores de menor renda, menos escolarizados e mais jovens foram os que mais contribuíram para a perda da taxa de participação no mercado de trabalho desde a pandemia de Covid-19.

Na comparação entre o quarto trimestre de 2019 e os primeiros três meses deste ano (dados mais recentes para esse nível de detalhamento), a perda de participação entre os trabalhadores vindo de domicílios com renda do trabalho por pessoa de até R\$ 325 foi de 5,37 pontos percentuais.

Considerando-se a decomposição por faixa de renda, dos 2 pontos percentuais de queda da taxa de participação total, a faixa de menor rendimento contribuiu com -1,75 ponto.

Nesse mesmo comparativo, a participação das faixas de renda mais altas até subiu, apesar das dificuldades impostas pela crise sanitária. Ela aumentou 1 ponto percentual para os que ganham entre R\$ 3.901 a R\$ 6.500.

Na comparação por grau de formação, as perdas entre o fim de 2019 e o começo de 2023 são de 3,02 pontos percentuais para os trabalhadores com até o ensino fundamental incompleto e de 5,63 pontos para os que têm o ensino fundamental e não terminaram o ensino médio.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, domingo 09 de julho.

### Por que o trabalho híbrido não é tão flexível quanto parece

À medida que dão andamento aos planos de voltar ao escritório, muitas empresas estão optando por configurações híbridas — uma semana de trabalho dividida entre o escritório e a casa do funcionário, incluindo alguns dias fixos de trabalho presencial, geralmente seguindo o horário padrão de 9h às 17h.

Estes esquemas geralmente são apresentados como sendo fluidos e ágeis —um meio-termo que oferece aos profissionais grande parte do controle e da autonomia que eles esperam após a pandemia de Covid-19.

Mas a própria natureza rígida do cronograma de dias e horários para comparecer ao escritório, imposto de cima para baixo pela chefia, pode não fornecer aos funcionários a flexibilidade anunciada.

"Muitas vezes, se trata de dar aos funcionários um cronograma híbrido de onde eles devem fazer seu trabalho, sem nenhuma flexibilidade", afirma Tim Oldman, fundador e CEO da empresa Leesman, especializada em pesquisas sobre a experiência profissional, com sede em Londres.

"É colocá-los em padrões fixos que podem não ser os melhores para ajudar no seu trabalho."

Para alguns profissionais, esta realidade não é apenas inconveniente ou frustrante. A redução da flexibilidade afeta desproporcionalmente alguns funcionários, mais do que outros —particularmente, os profissionais com necessidades especiais e os que têm a responsabilidade de cuidar de outras pessoas.

"As políticas híbridas fixas, muitas vezes, não consideram os desafios do retorno ao escritório enfrentados por funcionários com diferentes experiências no local de trabalho", diz Oldman.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, sábado 08 de julho.

### Preço da cesta cai, mas não muito, diz Dieese

O valor somado dos alimentos básicos diminuiu em 10 das 17 Capitais onde o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos faz mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos.

Entre maio e junho de 2023, as quedas maiores ocorreram em Goiânia (-5,04%), Brasília (-2,29%) e Vitória (-2,08%). Houve altas em Recife (5,79%), Natal (5,00%), João Pessoa (4,12%), Aracaju (2,41%), Campo Grande (0,84%), Florianópolis (0,84%) e Salvador (0,26%).

São Paulo – Na Capital, os alimentos básicos somam o maior custo (R\$ 783,05). Depois, Porto Alegre (R\$ 773,56), Florianópolis (R\$ 771,54) e Rio de Janeiro (R\$ 741,00).

No Norte e do Nordeste, onde a composição da cesta é diferente, os menores valores médios foram observados em Aracaju (R\$ 567,11), Salvador (R\$ 595,84) e João Pessoa (R\$ 604,89).

A comparação dos valores da cesta, entre junho de 2022 e junho de 2023, mostra que 13 Capitais tiveram aumento, com variações entre 0,63%, em Fortaleza, e 4,37%, em Belém. Outras três apresentaram queda: Brasília (-1,58%), Goiânia (-0,70%) e Vitória (-0,22%). Em Curitiba, relativa estabilidade (-0,01%).

No primeiro semestre, o custo da cesta básica aumentou em 10 cidades. Destaque para as taxas de Recife (9,92%), Aracaju (8,84%) e Natal (8,20%). As quedas variaram entre -5,79%, em Belo Horizonte, e -1,04%, em SP.

Mínimo x horas – O tempo médio necessário pra se adquirir os produtos da cesta básica variou de 113 horas e 19 minutos, em maio, pra 113 horas e 13 minutos, em junho. Em junho de 2022, essa jornada média era de 121 horas e 26 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto de 7,5%, à Previdência, verifica-se que esse trabalhador comprometeu em média, em junho de 2023, o equivalente a 55,63% do rendimento líquido, pra adquirir os produtos alimentícios básicos. Saiba mais em: CNTI, segunda-feira 10 de julho.

### IGP-DI tem nova queda em junho e deflação em 12 meses supera 7% em recorde da série

O IGP-DI (Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna) registrou uma quarta queda consecutiva em junho, informou nesta sexta-feira (7) a FGV (Fundação Getúlio Vargas), acumulando em 12 meses a maior deflação já registrada na série, de mais de 7%.

O IGP-DI caiu 1,45% no mês passado, desacelerando o ritmo de queda ante baixa de 2,33% vista em maio, acumulando recuo de 7,44% em 12 meses –o mais intenso desde que esse dado começou a ser registrado, em 1998.

Economistas consultados pela Reuters esperavam queda de 1,37% do IGP-DI em junho.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, segunda-feira 10 de julho.

### Preço da gasolina sobe R\$ 0,31 após volta de impostos federais

O preço médio da gasolina comum teve alta de 5,8% nos postos brasileiros nesta semana, indicou pesquisa divulgada nesta sexta-feira (7) pela ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

Conforme o levantamento, o valor do litro chegou a R\$ 5,67, o equivalente a um acréscimo de R\$ 0,31 na comparação com a semana passada. Na ocasião, o preço médio estava em R\$ 5,36.

O aumento ocorre após o retorno da cobrança integral de impostos federais sobre o combustível. As antigas taxações de PIS/Cofins e Cide voltaram a valer sobre a gasolina, o etanol e o querosene de aviação no dia 29 de junho.

Um dia após o retorno da cobrança integral, a Petrobras anunciou uma redução na gasolina de R\$ 0,14 por litro nas refinarias. O corte entrou em vigor em 1º de julho. A medida foi vista pelo mercado como uma tentativa de atenuar o impacto dos impostos.

O retorno integral das taxações era aguardado após a mudança na política de preços da Petrobras, que abandonou o PPI (preço de paridade de importação) em maio. Saiba mais em: Folha de São Paulo, segunda-feira 10 de julho.